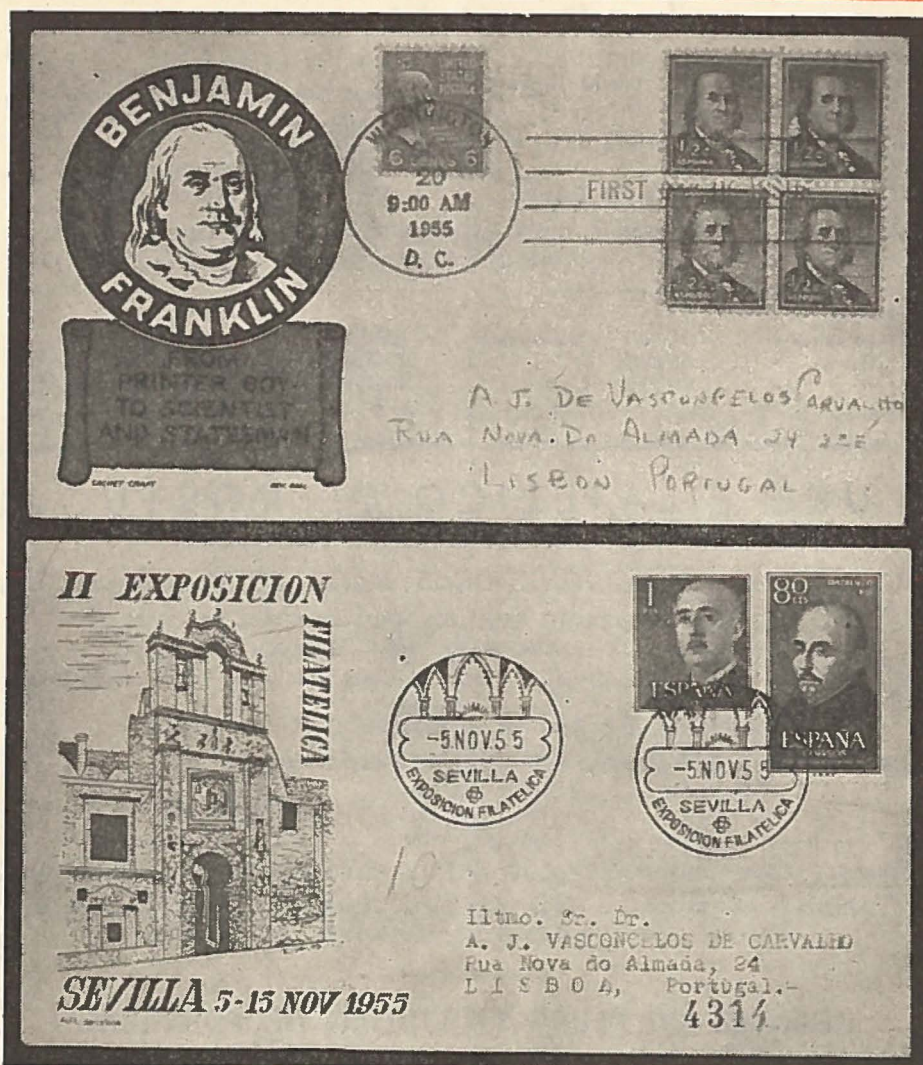


BOLETIM DO CLUBE FILATÉLICO DE PORTUGAL



UM SOBRESCRITO DE 1.º DIA DE EMISSÃO, E OUTRO COM O CARIMBO COMEMORATIVO, OS ÚLTIMOS EMITIDOS, RESPECTIVAMENTE, NA AMÉRICA DO NORTE E EM ESPANHA

ANO IX

N.º 54

NOVEMBRO 1955

TIRAGEM : 3.500 EXEMPLARES

boletim do clube filatélico de portugal

Redacção e Administração : Av. Almirante Reis 70-3.º - Dt.º — LISBOA — Tel. 54936
Composição e impressão : Tip. do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO — Tel. 111 P. B. X.

DIRECTOR :

DR. A. J. DE VASCONCELOS CARVALHO

Chefe de Redacção :

Dr. A. H. de Oliveira Marques

Administrador :

Jorge E. Oliveira Pereira

Editor :

Alberto Armando Pereira

Conselho Directivo :

Prof. Doutor Carlos Trincão

Eduardo Cohen

Raúl Abecassis

Brigadeiro J. da Cunha Lamas

Eng. Aurélio Marcos Pereira

Revista bimestral enviada a todos os sócios do Clube Filatélico de Portugal
DISPENSADA DE CENSURA

TABELA DE ANÚNCIOS :

1/16 de página ..	30\$00	1/2 página ...	130\$00	Anúncios económicos :	
1/8 " " ..	45\$00	1 "	250\$00	Até 3 linhas	7\$50
1/4 " " ..	80\$00	Capas	300\$00	Por cada linha a mais ..	1\$50
Descontos : 5% _o , 10% _o , 15% _o e 20% _o para 2, 4, 6 e 12 inserções, respectivamente					

CLUBE FILATÉLICO DE PORTUGAL

FILIADO NA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FILATELIA (F. P. F.)

O CLUBE DE COLECCIONADORES PARA COLECCIONADORES

SEDE : AV. ALMIRANTE REIS, 70-3.º-Dt.º — LISBOA — Tel. 54936

CORRESPONDÊNCIA : APARTADO 869 — LISBOA — PORTUGAL

EXPEDIENTE — Terças e Sextas-feiras, das 21 às 24 horas, e Sábados, das 16 às 20 horas

CATEGORIA DE SÓCIOS E RESPECTIVA COTIZAÇÃO

Continente, excepto Lisboa, Ilhas e Províncias Ultramarinas

Efectivos 60\$00, por ano } ou equivalente em moeda local
Juniões 30\$00, por ano }

Brasil Cr. \$30, por ano

PAGAMENTO ADIANTADO, POR CHEQUE, VALE, DINHEIRO OU SELOS NOVOS EM CURSO

LISBOA — Efectivos..... 7\$50, por mês; Juniões..... 2\$50, por mês

SÃO SÓCIOS JUNIÕES OS MENORES DE 21 ANOS

AGENTES DO CLUBE FILATÉLICO DE PORTUGAL

MADEIRA — Funchal — M. M. Lourenço
de Gouveia — Rua das Dificuldades,
28-30.

S. TOMÉ — João Paulo Rego Teixeira.
TIMOR — Dili — Aníbal Ribas Lopes
Praça.

ARGENTINA — Buenos Aires — Hector
Aguiriano — Colombres 1791 (S23).

INDIA e PAQUISTÃO — Belgaum Camp
— Domingos Fernandes — Secretary
Catholic Book Crusade — 7 Havelock
Road.

U. S. A. — Manuel L. Gouveia — Liberty
Avenue, 112-108 — Richmond Hill —
New York.

BOLETIM DO CLUBE FILATÉLICO DE PORTUGAL

ANO IX

N.º 54

NOVEMBRO 1955



IV Exposição Filatélica Portuguesa "PORTO-1955"

Para encerrarmos a nossa reportagem a esta brilhante exposição, realizada sob o patrocínio da Federação Portuguesa de Filatelia, damos, seguidamente, o Relatório do Júri e a Lista dos Prémios, aproveitando a oportunidade para felicitarmos calorosamente os nossos consócios premiados.

RELATÓRIO DO JÚRI

O Júri da IV Exposição Filatélica Portuguesa, «Porto-1955», reuniu-se para apreciar as colecções expostas e atribuir os respectivos prémios.

Registou-se com grande pesar a ausência, por motivo de doença, do Sr. Henrique Barbosa de Mendonça, a quem o Júri apresenta votos sinceros de rápido restabelecimento.

Em primeiro lugar, deseja o Júri agradecer às entidades oficiais, designadamente à Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones, Ministério do Ultramar, Casa da Moeda e Biblioteca Municipal do Porto, os interessantes objectos que se dignaram expor, e endereçar ao Sr. Prof. Dr. Carlos Pinto Trincão as suas felicitações pela colecção que expôs «fora de concurso». O Presidente do Júri, em seu nome pessoal e embora contra a vontade dos seus colegas em causa, apresenta também as suas felicitações aos membros do Júri, Ex.^{mos} Srs. Eng. Alexandre Guedes de Magalhães, Dr. António Baptista Fragoso, Eng. António Furtado, Brigadeiro José da Cunha Lamas e Coronel Vitorino Godinho, pelas valiosas colecções que expuseram, igualmente «fora do concurso».

Feita a apreciação das colecções presentes, o Júri decidiu passar da classe IV para a classe I a colecção exposta sob o n.º 60, visto ser esta última a classe que lhe compete.

Nalguns casos, o Júri agrupou no mesmo prémio duas ou mais colecções apresentadas pelo mesmo expositor com números diferentes, quando considerou que essas colecções se completavam ou constituíam um conjunto homogéneo.

O Júri decidiu juntar à medalha, atribuída a algumas das colecções expostas, as suas felicitações. Quis assim salientar, no que se refere à colecção n.º 27, o trabalho de investigação demonstrado, e quanto à colecção n.º 57, o conjunto completíssimo e a qualidade das peças contidas numa colecção, à qual não era possível, em competição com outras colecções de estudo, atribuir uma medalha de maior mérito.

O Júri dispunha de dois prémios especiais, que decidiu atribuir:

- um, a medalha da «Federação Portuguesa de Filatelia», à melhor colecção de selos de Portugal;
- outro, o «Diploma de Honra» da «American Philatelic Society», à melhor colecção de selos estrangeiros.

O Júri congratula-se pela atmosfera de franca camaradagem e de bom entendimento em que se desenrolaram os trabalhos, e que permitiu que todas as decisões fossem tomadas por absoluta unanimidade de votos.

Não quer encerrar os seus trabalhos sem agradecer aos organizadores desta Exposição a confiança que nele depositaram, e as facilidades de que dispôs no desempenho da sua tarefa.

Porto, 9 de Setembro de 1955.

aa) Eduardo Cohen, presidente
Alexandre Guedes de Magalhães
António Augusto Baptista Fragoso
António Furtado

Henrique Mantero
José da Cunha Lamas
Vitorino Godinho

LISTA DOS PRÉMIOS

Prémios especiais

- Medalha da «Federação Portuguesa de Filatelia»: Dr. António Pinto Basto.
- Diploma de Honra da «American Philatelic Society»: Prof. Dr. Fernando de Freitas Simões.

Medalhas de Ouro

N.º		Classes
6.	Dr. António Pinto Basto.....	I
9.	António Joaquim Corrêa Junior (c/ felicitações do Júri)	I
21.	Dr. António Marçal Correia Nunes	I
25.	Jean Tyssen	I
50.	Prof. Dr. Fernando de Freitas Simões	III
54.	Hermann Ulrich	III

Medalhas de Vermeil

18.	{	José Hipólito	I e III
47.			
22.	{	Dr. Roberto Vaz de Oliveira	I
28.			
31.			
88.		Dr. António Henrique de Oliveira Marques	VII
90.		Catálogo «Simões Ferreira»	VII

Medalhas de Prata

1.	Dr. Artur Beja	I
2.	{ Dr. Armando José de Vasconcelos Carvalho	I
35.		
8.	Cor. Armando Pereira Car- valho	I
12.	Vitorino César Doria	I
13.	Werner Ell	I
17.	Arnaldo Ferreira Gonçalves	I
27.	Dr. Antônio Henrique de Oli- veira Marques (c/ felicita- ções do Júri)	I
48.	José Antônio de Magalhães	III
49.	Eng. Raul da Costa Santos (c/ felicitações do Júri) ...	III
53.	Maria Isabel Pinto Trincão	III
55.	Hernani dos Santos Viegas	III
56.	Antônio Joaquim Corrêa Ju- nior	IV

57.	Divaldo do Amaral Correia (c/ felicitações do Júri) ...	IV
84.	Clube Filatélico de Portugal	VII
90.	{ Artur Oliveira de Vas- concelos (para o con- junto das suas publica- ções, excepto o Catá- logo «Simões Ferrei- ra»)	VII e VIII
93.		

Medalhas de Cobre

4.	{	Eng.º Manuel Monteiro de Andrade e Sousa	I
60.			
5.		Africus	I
10.		Adriano Pereira da Costa... ..	I
11.		Bernardo Coutinho	I
24.		João Carlos Pinto Trincão... ..	I
29.		Conde de Penha Garcia.....	I
42.		Carlos Gonçalves de Sousa	II
43.		José Augusto de Oliveira Alvarenga	III
52.		João Carlos Pinto Trincão... ..	III
58.		Francisco Cunha	IV
59.	{	Manuel Gueifão Galriça	I
63.			
62.		Cecílio Fernandez Fernandez	V
65.		Arnaldo Ferreira Gonçalves	V
71.	{	Jorge Emídio de Oliveira Pereira	V e VII
89.			
77.		Dr. José Eduardo Franco Brito	VI
81.		Dr. Humberto Lopes Madureira	VI

Diplomas de participação

7.	Raul Canas	I
15.	José González García.....	I
20.	João da Silva Melo	I
32.	Carlos Gonçalves de Sousa	I
33.	António Fernando da Rocha Beleza	I
34.	Dr. Durval Arnaldo Pereira de Brito	I
36.	Carlos João Chambers	I
37.	Clube Filatélico de Portugal	I
38.	Mário Forte	I
39.	Luís Manuel Barata das Neves	I
40.	Américo Mascarenhas Pereira	I
41.	José António de Magalhães	I
44.	Clube Filatélico de Portugal	III
45.	José González García.....	III
46.	Arnaldo Ferreira Gonçalves	III
61.	José Joaquim Cabrita	V
64.	Dr. Elísio Gomes	V

(Continua na página 4)

no grande inquérito da apa

Uma entrevista com o

Dr. Vasconcelos Carvalho

O jornal radiofónico da APA, na sua secção filatélica, transmitida todas as segundas-feiras, a partir das 19,30 horas, pelo Rádio Clube Português, iniciou um grande inquérito sobre o movimento filatélico português.

Neste inquérito do conhecido e apreciado jornal radiofónico da APA, brilhantemente dirigido por Fernando Garcia, estão a ser ouvidos todos os nossos maiores coleccionadores, técnicos e comerciantes de selos, cujos depoimentos muito podem e devem contribuir para o desenvolvimento da nossa Filatelia, e tanto pela autoridade das pessoas entrevistadas, como pela expansão daquele jornal da APA, indubitavelmente um dos melhores programas radiofónicos portugueses.

Este grande inquérito da APA foi iniciado com uma entrevista com o sr. dr. Vasconcelos Carvalho, presidente do nosso Clube Filatélico de Portugal. Depois de traçar o seu elogio como Advogado em Lisboa, e antigo vogal do Conselho Distrital de Lisboa da Ordem dos Advogados, o entrevistador da APA manteve com o nosso director o diálogo que, com a devida vénia, em seguida fixamos:

—Porque se faz Filatelia? A que é devido o seu extraordinário desenvolvimento?

—A Filatelia é o entretenimento ideal para aquele derivativo e repouso físico e mental, que é absolutamente indispensável a todos os indivíduos que trabalham em qualquer actividade. Acrescendo que a Filatelia desenvolve e educa vários dos sentidos e qualidades humanas, tais como o golpe de vista, a paciência e o bom gosto. O que tudo tem contribuído e está contribuindo para a expansão formidável da Filatelia, em todo o mundo.

—E não contribui também para isso o factor económico?

—Mas sem dúvida que sim! Os selos valorizam-se dia a dia, talvez numa média de mais de dez por cento ao ano. Fa-

zer Filatelia é capitalizar de uma das maneiras mais seguras que se conhecem. Basta apontar que as colecções de selos não pagam impostos. E não esquecer que, durante a última grande guerra, foi um dos processos mais praticados para a transferência de grandes e pequenas fortunas, de oriente para ocidente...

—O desenvolvimento mundial da Filatelia tem-se feito sentir no nosso país?

—Não, claro, ao ritmo da América do Norte, que possui hoje cerca de treze milhões de filatelistas, a aumentar num ritmo de duzentos mil por ano—mas é fora de dúvida que também no nosso país a Filatelia se desenvolveu e está desenvolvendo extraordinariamente, e de tal modo que não é exagero afirmar que Portugal, no campo da Filatelia, está a par dos países que a têm mais desenvolvida. Apenas dois exemplos: O Clube Filatélico de Portugal, que há três anos possuía cerca de seiscentos sócios, está neste momento prestes a atingir os três mil... E nas últimas exposições filatélicas internacionais, os filatelistas portugueses têm alcançado sempre várias medalhas de ouro e de prata, e numa progressão que muito está prestigiando o selo português em todo o mundo.

—Que julga necessário fazer para valorizar ainda mais o selo português?

—Primeiro, melhorar consideravelmente, em beleza e em realização técnica, as nossas futuras emissões de selos. E depois, e sempre, continuar uma boa, metódica e intensa propaganda, que é aquilo que, principalmente, tem realizado o Clube Filatélico de Portugal, nas três últimas gerências da minha presidência, com resultados que, se estão à vista, melhor se verão e sentirão nos anos próximos, pois é da sabedoria das nações que os nossos filhos é que colherão os frutos das sementeiras que nós fazemos...

velhas téses

Com ou sem goma? Novos ou usados?

1

A luta continua através dos tempos. —Devemos coleccionar selos novos ou usados? E, quando novos, com ou sem goma?

Digo com ou sem goma, tal como nós, portugueses, sempre dissémos. Fórmula já clássica, que indica que o selo é novo, com goma, quando a tem, e sem goma, quando a não tem por se tratar de exemplar que a teve. Quando a sua nascença foi sem ela, o catálogo dá a indicação: emitido sem goma.

Os nossos amigos brasileiros usam muito selo novo e gomado. Mas tal fórmula deve ser dirigida mais à nascença do que à existência do selo. O termo gomado tem mais razão na técnica do papel, do que na nomenclatura filatélica.

Todo o papel nasce sem goma. No entanto, há fitas gomadas que servem a várias aplicações, folhas de papel gomado que servem para a manufactura de selos, etc.... Portanto, a este papel, deve chamar-se gomado.

Os selos são postos à venda já goma-

Por HENRIQUE MANTERO

dos, pois, quando tal não sucede, e como já dissemos, os catálogos têm o cuidado de os indicar emitidos sem goma. Quando os selos chegam às nossas mãos sem goma, é mais lógico declará-los sem ela, tal como quanto a têm, igualmente com ela, e nunca gomados!

Estamos crentes que assim é. Se não concordarem... lá dizia Campoamor:

...aprendei que na existência,
pode mais do que a força a paciência.

Conclusão:

Todos os selos são gomados, porque nasceram gomados, e serão com ou sem goma quando, com a bonita idade de cem anos, entrarem em nossos albens. Nessa altura declaramos o seu estado de com goma, se a trouxerem, e nunca gomados, que sempre o foram, mesmo sem ela. Além disso, quando ouvimos dizer que um selo é novo e gomado, dá-nos ideia de que lhe acabaram de pôr goma falsa...

2

A goma é o maior inimigo financeiro do coleccionador de selos. Conjuntamente com a sua amiga humidade, prejudica monetariamente todo o filatelista, que vai encontrar os selos colados e, portanto, desvalorizados, se os lavar. Se não os encontrar colados vê-os, desolado, todos cobertos de umas manchas amarelas, que são a ferrugem, de que a goma é o maior condutor.

Muitas vezes, não é só o prejuízo monetário do coleccionador, mas a perda de um espécimen raro, que a Filatelia terá que lamentar.

Porque não chegamos à conclusão de que a goma nos selos novos é essencialmente prejudicial ao filatelista e à Filatelia, e não adaptamos a lavagem, para defesa do espécimen e da bolsa do coleccionador? Isto já se faz nalguns países. Porque não LEI e USO GERAL na Filatelia? Não temos nós uma Federação Internacional de Filatelia? Não há, anualmente, Congressos?

(Continua na página 17)

(Continuação da página 2)

66. Manuel Ferreira da Silva Junior	V
67. José António de Magalhães	V
68. António Faria de Moraes	V
69. José de Oliveira Sousa Nunes	V
70. António Aires Pereira	V
72. Claudino da Rocha Romariz	V
73. Jaime da Silva Serrano	V
74. António Nunes da Silva	V
75. Guilherme Paulo Soares	V
76. Dr. Carlos Tavares	VI
78. António de Sousa Coelho	VI
80. João José Baptista Ferreira Durães Leão	VI
82. Luís Manuel Barata das Neves	VI
83. António José Valente	VI
87. João José Baptista Ferreira Durães Leão	VII
92. Joseph Ell	VIII
Fora do catálogo — Guilherme de Carvalho	IV

Uma entrevista com um "Grande" da "Fipex"

por ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Harry L. Lindquist, director da conceituada revista filatélica americana «Stamps», coleccionador, ele próprio, dos mais avançados (entre outros, possui 25 albuns de selos da Guatemala, com as maiores raridades deste país, sendo alguns exemplares únicos, como o 4 r. de 1878, simples e em par, colados em envelope, não sendo conhecido outro nestas condições), membro do Júri da «Stockholmia 55» — prometera-me uma entrevista sobre a 5.ª Exposição Internacional Filatélica, de New York, a FIPEX, de que é presidente honorário.

Prometeu e cumpriu.

Naquele princípio de tarde de 1 de Julho, após o almoço que se seguiu à inauguração da «Stockholmia 55», num dos salões do restaurante Hasselbacken, entre duas chávenas de café, Lindquist contou-me:

— «A FIPEX vai ser um caso muito especial entre as exposições filatélicas internacionais, e tudo leva a crer que vamos ultrapassar, por muitos pontos, o êxito da CIPEX, de 1947. Como sabe, nos Estados Unidos há muitas centenas de milhar de pessoas, talvez milhões, que nunca visitaram New York. Sempre os houve, sempre os haverá. Mas fazem-no quando surge um acontecimento sensacional, destes que ocorrem uma vez em cada dez ou vinte anos. Muitos americanos visitaram New York, pela primeira vez, em 1920, para assistirem ao «match» de boxe Carpentier-Dempsey. Outros fizeram-no em 1939, por ocasião da Feira Mundial. São eventos excepcionais, que chamam à grande metrópole americana forasteiros sem conto. E o acontecimento da época que atravessamos é, fora de dúvida, a inauguração do «Coliseu», o gigantesco edifício que será um dos maiores da cidade, e uma das suas atracções.

Lindquist, verdadeiro «lança-chamas» de entusiasmo, diz-me tudo isto duma só tirada, e nem aso dá a que o interrompa. Mas, enquanto toma fôlego e se prepara

para prosseguir, atalhei, duvidoso:

— Acha, então, que muitos milhares de americanos se deslocarão a New York propositadamente para ver o «Coliseu»?

— Espere! Você não me deixou completar a ideia que pretendia expor-lhe.



HARRY L. LINDQUIST

Simplesmente para ver o «Coliseu», é possível que não, porque vê-lo-iam como simples atracção, embora importante, em qualquer altura em que tivessem de vir a New York, como vão ver o Empire State ou o Radio City Music Hall. Mas, assistir à inauguração do «Coliseu», é diferente. Trata-se de um palácio de exposições, que a Triborough Bridge and Tunnel Authority, empresa sua proprietária, quer inaugurar com todas as honras, com excepional pompa, que as actualidades cinematográficas e as câmaras de televisão vão transmitir aos quatro cantos do mundo. — Parou um instante, e perguntou-me, repentinamente:

— Já esteve em New York?

— Por duas vezes.

— Então, já pode fazer uma ideia sobre a importância do que lhe vou dizer. Projecta-se fazer um cortejo enorme, muito extenso, formado por lindos carros ornamentados, representativos das grandes indústrias e das principais actividades da Nação, cortejo em que a FIPEX apresentará também o seu carro. Essa marcha gigantesca, que será chefiada pelo Governador do Estado de New York e pelo «Mayor» da cidade, principiará no City Hall Park, em «downtown», e seguirá até ao Columbus Circle...

— ...parte do City Hall, vira a Canal Street, segue pela 6.^a Avenida, passa pelo Rockefeller Center, e continua até ao Central Park, não é assim? — arrisquei eu, a fingir que sou «tu cá, tu lá» com New York...

— Não! Podia ir por aí, mas não é esse o trajecto fixado. Segue pela Broadway. Sempre pela Broadway, passa a Times Square e vai direitinho ao Columbus Circle, onde se está erguendo o grandioso «Coliseu». Ora, até o senhor de La Palisse seria capaz de antever que, destinando-se o novo edifício, exclusivamente, ou quase exclusivamente, a exposições, será inaugurado com uma ou mais exposições. Todos os grandes organismos americanos ligados às actividades industriais, comerciais, artísticas, culturais, etc., pretendiam ter a honra de inaugurar o «Coliseu». Ora aqui está o nosso triunfo, a vitória da filatelia americana, que é, afinal, a vitória da Filatelia—tout court. Foi a 5.^a Exposição Internacional Filatélica, a FIPEX, uma das escolhidas para aquela inauguração. A outra, deveria ser uma exposição internacional de floricultura, mas parece-me que surgiram quaisquer

dúvidas, e, neste momento, não posso ainda dizer-lhe, de forma positiva, que exposição acompanhará a FIPEX na abertura do «Coliseu». Posso, no entanto, assegurar-lhe que seremos acompanhados por qualquer certame de grande interesse para o povo americano, manifestação que deve ficar muito bem junto da FIPEX, a honrar e a abrilhantar a inauguração do majestoso «building».

E aqui está, continuou, aonde eu queria chegar, quando lhe disse, há pouco, que se espera muita gente para a FIPEX, que é como quem diz, para a inauguração do «Coliseu», ou vice-versa. Os que forem a New York, de 28 de Abril a 6 de Maio de 1956, não irão simplesmente ver o «Coliseu»: vão assistir à sua inauguração, e vão admirar duas exposições internacionais, uma das quais a FIPEX. E lembre-se de que há entre 10 a 13 milhões de coleccionadores de selos nos Estados Unidos, e que a Filatelia é o «hobby» número 1 dos americanos. A realizar-se o programa que está projectado — e estou convencido de que não surgirão modificações sensíveis — é de crer que, dos mais recônditos estados americanos, de Alabama a Wyoming, de Arizona a Wisconsin, milhares de filatelistas, para só de filatelistas falar, virão pela primeira vez a New York, para assistir à abertura do «Coliseu» e da FIPEX. E não falo, claro, nos outros, nos que já cruzaram o «xis» de Times Square ou já passearam por Riverside Drive — e estes são em muito maior número.

Por isto, meu caro, concluiu Harry Lindquist, confio em que o ano de 1956, o ano da FIPEX, será um grande ano, um marco memorável, para a filatelia mundial.

Para encher o «Coliseu» durante os 10 dias da FIPEX, não me parece que seja preciso contar com os forasteiros. Os 10 milhões de habitantes de New York devem ser suficientes...

Mas Harry L. Lindquist deve ter razão. Haverá na América muita gente que aproveitará a oportunidade da inauguração do «Coliseu» e da realização da FIPEX, para visitar New York pela primeira vez.

Ainda não há muito tempo, eu, para assistir a uma exposição filatélica, fui de Lisboa a Torres Vedras.

Também pela primeira vez!...

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Notas & comentários

O NOSSO BOLETIM

Este Boletim do Clube Filatélico de Portugal continua a averbar medalhas. Depois da de prata da IV Exposição Filatélica Portuguesa, «Porto 1955», cumpre-nos registar hoje uma medalha de bronze na «Westropa», Exposição Filatélica da Europa Ocidental. Assim se vai projectando, em todo o mundo filatélico, o valor e o prestígio da revista do nosso Clube.

L. M. BARATA DAS NEVES

Entre os amigos do Clube Filatélico de Portugal, sempre pronto a todas as ajudas e a todos os trabalhos, conta-se o nosso amigo Luís Manuel Barata das Neves. Especialmente nos dias de novas emissões, e última e designadamente durante a IV Exposição Filatélica Portuguesa, «Porto 1955», Barata das Neves, entusiástico e modesto, é um dos melhores amigos e mais valiosos colaboradores do nosso Clube, que, por isto, aqui lhe expressa os seus melhores agradecimentos.

A EXPOSIÇÃO DO CHINDE

Constituiu um grande êxito a II Exposição Filatélica da Vila do Chinde, em Moçambique, que foi inaugurada por S. Reverendíssima o Bispo de Quelimane, D. Francisco Nunes Teixeira, e por todas as autoridades locais. O júri, constituído pelos srs. Dr. Carlos do Nascimento, presidente, Mário Rama Marçal e Fernando Vieira da Silva, atribuiu doze prémios, entre os quais três taças de prata, uma delas oferecida pelo Clube Filatélico de Portugal.

Saudamos a respectiva comissão organizadora, e também o nosso querido amigo Artur Leotte Ramos, entusiástico colaborador desta II Exposição Filatélica da Vila do Chinde, e que nas respectivas cerimónias representou o nosso Clube e o sr. Dr. Vasconcelos Carvalho, presidente da Direcção.

filatélicos

UNIÃO SUL-AFRICANA

Para comemorar o Pacto da União Sul-Africana, este país vai emitir, no dia 1 de Dezembro próximo, um selo de 2 d., o qual estará à venda em todos os postos do correio da União, apenas durante o mês de Dezembro de 1955.

Não haverá nenhum carimbo especial de primeiro dia, em 1 de Dezembro. Mas como as festas da comemoração daquele pacto se realizarão em Pietermaritzburg, de 13 a 18 de Dezembro, haverá um carimbo especial para utilização naquela cidade, e durante aqueles dias.

ESTADO DA INDIA

Em 15 de Setembro último, as relações postais entre a União Indiana e Goa foram restabelecidas, depois de estarem suspensas desde 25 de Julho, facto que foi largamente noticiado pelos jornais.

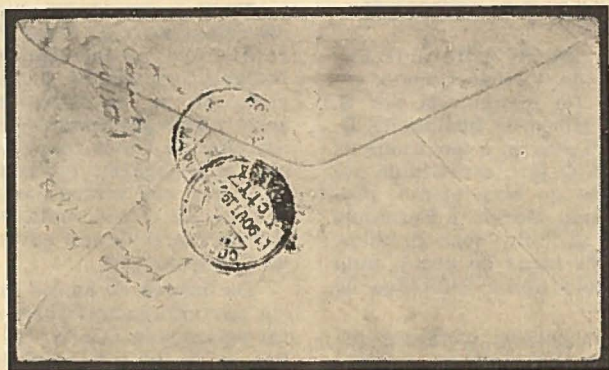
Porém, constituiu surpresa para os coleccionadores do nosso Estado da Índia, verificarem, na correspondência da União Indiana, e vinda na primeira mala, trocada em 16 de Setembro 1955, que as suas missivas tinham sido abertas, nos correios da União, a pretexto da inspecção alfandegária, como indica o sinete em lacre, nos versos dos sobrescritos recebidos na citada mala postal, e de que nos foi oferecido um exemplar, de impossível reprodução.

Os dizeres do sinete são os seguintes: em circunferência «Customs House—Postal Appraising Dept.». No centro: «Bombay n.º 5», em duas linhas. Como indicações complementares, informamos que esta carta foi deitada nos correios de Bombaim em 8-9-1955, trocada em 16-9-1955, e entregue ao destinatário em Mapuçá (como indica o carimbo no verso) em 17-9-1955.

Selos portugueses inutilizados na União Indiana

Com o que se segue não pretendo fazer artigo algum, pois não possuo dotes de escritor para tanto, mas como julgo que será de interesse para todo o filatelista, e como se trata dum caso curioso para a história da filatelia nacional, vou

rios do Estado da Índia, devido à situação caótica que reinava nesse território, recebi, após longo silêncio, uma carta do meu correspondente V. C., de Silvassá, datada de 8/11/54, a qual trazia o selo N.º 558 (Cat. Eládio), mas sem ca-



relatar como recebi a correspondência de um amigo meu de Silvassá, sede do enclave português de Nagar-Aveli.

Depois da interrupção das comunicações entre Nagar-Aveli e outros territó-

rimbo algum, nem mesmo tendo sido inutilizado à pena, e em que me informava que lhe era impossível remeter-me selos, como habitualmente, por não se aceitarem registos em Silvassá, (o que denota